

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO: A POÉTICA DAS IGNORÂÇAS

Pablo ANDRADE¹

(Departamento de Filosofia – UFRN)

Rosimeire MEDEIROS²

(Departamento de Letras – UFRN)

“Poesia é voar fora da asa.”

(BARROS, 2009: 21)

RESUMO: A ficção se faz indispensável na medida em que as práticas rotineiras e os saberes modernos não são suficientes ao homem. Este precisa (re)inventar, ludibriar a realidade e criar versos que alarguem seu mundo, numa clara tentativa de dar sentido a sua existência. Diante disso, baseados nos ditos e escritos do poeta pantaneiro Manoel de Barros, organizamos a Poética das ignoranças, a fim de problematizar a realidade e a necessidade de ficção por meio das invenções do poeta. Para desautomatizar nosso olhar e atribuir novos comportamentos às coisas, Manoel inventa vários “inutensílios”, por exemplo, o aparelho de ser inútil, a fivela de prender silêncios, o esticador de horizontes, etc.; com os quais comporemos à Didática da invenção. As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis, conforme o poeta, é preciso transver o mundo, descobrir também as “insignificâncias” das coisas para que não fiquemos na pobreza da descrição racional. Então, o homem “desherói” (re)inventa seu mundo, no qual, personifica as coisas, coisifica o humano, vegetaliza o ser e humaniza os animais a fim de transfigurar a realidade.

Palavras-chave: Ficção, Poesia, Invenção.

A poesia de Manoel de Barros expressa sutilmente toda a insatisfação do homem moderno diante da vida que socialmente lhe é imposta. Seus poemas vão contra a arbitrariedade, o “lugar comum”, dessa maneira, estão livres do discurso cotidiano, construtor da ordem. Consoante o poeta, imagens são palavras que nos faltaram, dessa afirmação podemos inferir a nossa dificuldade de expressar aquilo que nos falta, como disse Clarice Lispector, “liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome” (LISPECTOR, 1980: 50); ou ainda Guimarães Rosa, “muita coisa importante falta nome” (ROSA, 2001: 125).

Além disso, o ser lettral de Manoel de Barros, segundo ele próprio, é fruto de uma natureza que pensa por imagens, como diria Paul Valéry, e “por mais delirante que ‘sejam’, ‘elas afundam’ suas raízes na experiência humana, da qual se ‘nutrem’ e à qual

¹ Aluno do curso de Filosofia – bacharelado. Bolsista do PET (Programa de Educação Tutorial). Email: pabludantas@hotmail.com

² Aluna do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas. Bolsista de IC (Iniciação Científica) sob a orientação da Professora Doutora Ilza Matias de Sousa, esta vinculada ao GT Metafísica e Tradição/PPGFIL/UFRN e ao Grupo de Estudos MYTHOS-LOGOS/CS/UFRN, na linha MYTHOS-POIESES. Email: rosimeiremaria10@hotmail.com

alimenta.” (VARGAS LLOSA, 2004: 16) Ademais, o poeta pantaneiro diz que, para criar seus versos, parte de experiências vividas transformando-as a partir da sua imaginação em poesia. Portanto, as suas imagens inventadas refletem de maneira “infel” sua vida. Vejamos o retrato do poeta por ele mesmo:

AUTO-RETRATO FALADO

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da
Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do
chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de
estar entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me
sinto como que desonrado e fujo para o
Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo
que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de
gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão o caso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só
faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.
(BARROS, 2009: 103)

Assim, percebemos nas imagens que emergem de seus escritos uma rebeldia que transpõe os seus livros e que toca a nós leitores, não importando se suas palavras condizem ou não com os fatos da cotidianidade. Com isso, nosso objetivo foi compor a didática da invenção manuelesca, tecida pelos dizeres e “inutensílios” criados pelo poeta, por meio da qual constituímos a Poética das ignoranças. Analisamos a invenção da realidade e a realidade da invenção contida na obra de Manoel de Barros, com o propósito de investigar a necessidade de ficção do ser humano. Para tanto, iremos trazer a discussão proposta por Mario Vargas Llosa em seu livro *A verdade das mentiras*.

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

Partimos da ideia de que fazer ficção é uma característica antropológica do homem e que, desse modo, a invenção lhe é uma prática inerente que faz parte da sua natureza, uma vez que, quando demonstramos insatisfação, conseqüentemente, estamos alimentando um desejo de mudança. Daí, podemos afirmar que, segundo o escritor peruano Mario Vargas Llosa: “querer ser diferente do que se é tem sido a aspiração humana por excelência. Dela resultou o melhor e o pior que a história registra. Dela também nasceu a ficção.” (VARGAS LLOSA, 2004: 17) Já consoante Manoel de Barros, a invenção é um negócio profundo, uma coisa que serve para aumentar o

mundo. Em seu livro *Retrato do artista quando coisa*, o poeta nos revela através da sua poesia sua necessidade de inventar:

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(BARROS, 1996: 79)

O “desherói”³, homem comum que gostaria de ter uma vida diferente da que vive, é quem personifica as coisas, vegetaliza o ser e humaniza os animais com o intuito de modificar a sua realidade. Isso entra em conformidade com as concepções de Vargas Llosa em seu texto *A verdade das mentiras*, no qual, defende que a ficção surgiu para minimizar o nosso inconformismo e insatisfação perante a vida. Em outras palavras, o escritor afirma: “os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção.” (VARGAS LLOSA, 2004: 12)

Na ficção há um encontro entre a realidade limitada, os sonhos e os desejos. É nessa perspectiva, que o homem precisa sempre (re)inventar a si mesmo e o espaço em que vive, pois, só assim tem a possibilidade de transgredir as próprias limitações e acrescentar algo ao mundo. Para Vargas Llosa, “a fantasia, da qual somos e estamos dotados [...]. Está continuamente abrindo um abismo entre o que somos e o que gostaríamos de ser, entre o que temos e o que desejamos.” (*Op. cit.*: 24) Vejamos de que maneira essa fantasia se faz presente na poesia de Manoel de Barros:

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.
Ele faz encurtamento de águas.
Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros
Até que as águas se ajoelhem
Do tamanho de uma lagarta nos vidros.
No falar com as águas rãs o exercitam.
Tentou encolher o horizonte
No olho de um inseto – e obteve!
Prende o silêncio com fivela.
Até os caranguejos querem ele para chão.
Viu as formigas carreando na estrada duas pernas de ocaso
para dentro de um oco... E deixou.
Essas formigas pensavam em seu olho.
É homem percorrido de existências.
Estão favoráveis a ele os camaleões
Espreado na tarde - Como a foz de um rio - Bernardo se inventa...

³ Termo criado por Manoel de Barros. Segundo ele, o “desherói” foi inspirado no personagem do vagabundo chapliniano, este foi eleito pelo poeta como o herói do nosso século. Essa informação foi retirada do documentário *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*.

Lugarejos cobertos de limo o imitam.
Passarinhos aveludam seus cantos quando o vêem.
(BARROS, 2009: 10)

Com o propósito de transfigurar a realidade com o seu olhar “enviesado” do mundo, Manoel percebeu que “as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: \Elas desejam ser olhadas de azul – \ Que nem uma criança que você olha de ave.” (BARROS, 2009, 21) Quando desinventa objetos e cria “inutensílios”, por exemplo, latas com dons de navios, prego de veludo, alicate cremoso, etc.; o poeta desautomatiza não só o nosso olhar, como também a funcionalidade das coisas, atribuindo a elas uma nova perspectiva, “dar ao pente funções de não pentear. Até que fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.” (*Op. cit.*: 11). Os instrumentos de trabalho de Bernardo – o abridor de amanhecer, o prego que farfalha, o encolhedor de rios, o esticador de horizontes, a fivela de prender silêncios e o aparelho de ser inútil – desafiam e exigem mais da nossa imaginação, contrariando o modo vulgar de olhar do homem dos nossos dias.

Numa entrevista concedida a Pedro Cezar, a qual faz parte do documentário *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*, o poeta conta que diariamente, das 8h às 12h, fica no lugar de ser inútil – local de trabalho – lendo, criando versos e artesanias, e também desenhando bonecos. Ele vai buscar palavras no “baú da infância”, como diria Bachelard. Fruto do subconsciente e da imaginação criadora e produtora, seus versos refazem a realidade não se importando com as verdades absolutas, criando assim uma ética *sui generis*. E quanto mais nos identificamos com os seus livros, mas percebemos uma necessidade geral de libertação do olhar diante das práticas que reduzem a vida a afazeres mecânicos e automáticos. No poema *O apanhador de desperdícios* percebemos o quanto a poesia de Manoel é verdadeira, e como ele próprio diria, é inventada, mas, é absolutamente verdadeira:

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.
(BARROS, 2003: poema nº 9)

A “irrealidade” dos versos do poeta se transforma para o leitor em imagens, isto é, na representação de realidades que podem ser experimentadas. Sua poesia se assemelha muito com elementos que são próprios da pintura, o que a torna algo quase palpável, isso causa no leitor a sensação de que o abismo existente entre o que ele é e o que deseja é relativamente diminuído. “A imaginação concebeu um paliativo astuto e sutil para esse divórcio inevitável entre a nossa realidade limitada e os nossos apetites desmedidos: a ficção ‘e a poesia.’” (VARGAS LLOSA, 2004: 25)

Logo, a “mentira” da ficção expressa uma verdade que só pode ser manifestada disfarçadamente, e que no caso de Manoel de Barros se apresenta através dos desenhos verbais que sua poesia gera. Isso se torna relevante quando a sua poesia, de alguma maneira, nos inquieta abrindo a possibilidade de uma mudança, de uma libertação, não importando o caráter “lógico” ou “real” de uma observação que traça a linha fronteira entre a verdade histórica e a verdade poética. Em suma, na sua tentativa de ser “Outros”, o poeta pantaneiro inventa realidades aparentemente *nonsense* por meio de palavras, libertando-as assim, de qualquer tipo de aprisionamento consequente de uma leitura baseada no pensamento lógico e científico.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
_____. *O livro das ignoranças*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
_____. *Memórias Inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
_____. *Retrato do artista quando coisa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
VARGAS LLOSA, Mario. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.
ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*, de Pedro Cezar (Brasil, 2008, 82 min.)
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/agportal.htm>